

# Linguagem e Hegemonia na Filosofia Marxiana

## Language and Hegemony in Marxian Philosophy

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes  
(Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Brasil)

### Resumo

Nos estudos marxianos contemporâneos é preciso verificar alguns valores clássicos desenvolvidos com relação à filosofia da linguagem. O intuito deste artigo é discutir as vertentes contemporâneas do marxismo partindo da sua relação com a linguagem. Para isso, nos utilizaremos da obra clássica de Bakhtin *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, reconstruindo o caminho traçado por ele ao relacionar linguagem e ideologia. Por fim, pretendemos adentrar os estudos sobre pós-marxismo centrados na questão da hegemonia e do poder na obra *Hegemonia e Estratégia Socialista*, de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. A partir desse debate pretendemos apresentar em que consiste o conceito de hegemonia dos autores e seu vínculo com a filosofia da linguagem.

**Palavras-Chave:** Marx. Marxismo. Linguagem. Hegemonia. Poder.

### Abstract

In contemporary Marxian studies, it is necessary to verify some classic values in philosophy of language. The aim of this article is to discuss the contemporary aspects of Marxism based on its relation with language. For this, we will use Bakhtin's classic work *Marxism and Philosophy of Language*, reconstructing the path traced by him in relating language and ideology. Finally, we intend to enter the studies on post-Marxism centered on the question of hegemony and power in the work *Hegemony and Socialist Strategy* of Ernesto Laclau and Chantal Mouffe. From this debate we intend to present the concept of hegemony of authors and their link with the philosophy of language.

**Keywords:** Marx. Marxism. Language. Hegemony. Power.

## 1 Introdução

Nos estudos marxianos contemporâneos é preciso verificar alguns valores clássicos desenvolvidos com relação à filosofia da linguagem. A estrutura do poder deve ser analisada por uma ótica linguística, entendendo-se o papel da ideologia em configurar uma dada ordenação societária. Marx e Engels desenvolveram um estudo exemplar sobre o papel da ideologia dentro da sociedade na obra *A Ideologia Alemã*, na qual formularam a famosa crítica a Hegel (e aos hegelianos) sobre a inversão de uma visão filosófica sobre o mundo:

Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico.

Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. (MARX; ENGELS, 2007, p. 94)

Em outras palavras, apesar de os homens serem os produtores de suas próprias ideias, essas ideias têm sua origem no homem real, e este precisa antes dos meios

materiais para a sua própria subsistência. Entretanto, podemos notar que, ao criticarem a noção de ideologia contida na filosofia alemã da época, Marx e Engels acabaram por conceber uma nova ideologia que toma o homem real, desenvolvido no âmbito social, e fazem dele prioritário às ideias projetadas por esse homem. Há uma inversão no pensamento predominante: ao invés de descer do céu para a terra, agora se eleva da terra para o céu, isto é, a materialidade se torna prioritária às ideias, o que constitui uma forte crítica ao idealismo hegeliano através do desenvolvimento do materialismo histórico. No entanto, sendo o conceito de ideologia um conceito desenvolvido no âmbito social, a inversão marxiana não permite o fim da ideologia propriamente dita, mas apenas a reformula. Nisso também podemos falar do conceito de práxis em Marx que envolve tanto a base material histórica, como também o homem como sendo aquele que age na história.

Como mostrou M. Henry, o conceito marxista de práxis é um conceito ontológico que caracteriza o acontecimento social do ser. Não sendo jamais tomado como tal no seu fundamento, mas sempre abordado por experiências parciais, tais como o trabalho, a cultura, a política - as quais estão, em face dele, na situação de partes em relação ao todo -, ele tem, como disse Althusser, o estatuto de uma causalidade metonímica ausente. (RESWEBER, 1982, p. 56)

O homem tem como ato de gênese a história, ou seja, não há uma natureza essencial, mas toda a sua formação se dá no âmbito da sociedade, sendo aquele que age e também sofre com os processos desenvolvidos

nesse sistema histórico-social.

O intuito deste artigo é discutir as vertentes contemporâneas do marxismo partindo da sua relação com a linguagem. Para isso, utilizaremos a obra de Bakhtin *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, reconstruindo o caminho traçado por ele ao relacionar linguagem e ideologia. Para Bakhtin, a ideologia é uma superestrutura que age sobre a maneira como se estruturam os humanos dentro da sociedade. Sendo assim, a ideologia deve ser pensada pelo seu viés sociológico e não apenas psicológico. “A criação ideológica – ato material e social – é introduzida à força no quadro da consciência individual. Esta, por sua vez, é privada de qualquer suporte na realidade. Torna-se tudo ou nada” (BAKHTIN, 2006, p. 32).

Por fim, pretendemos adentrar os estudos sobre pós-marxismo centrados na questão da hegemonia e do poder na obra *Hegemonia e Estratégia Socialista* de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. A partir desse debate, pretendemos apresentar em que consiste o conceito de hegemonia presente nos autores e seu vínculo com a filosofia da linguagem no desenvolvimento de um radicalidade democrática. Para Laclau e Mouffe, a construção de uma democracia socialista só é possível no seio de uma reformulação do conceito de hegemonia que dê conta da fragmentação da classe proletária, sem que se precise, dessa forma, passar pela etapa burguesa, de maneira a poder desvincular a democracia como sendo instrumento somente do liberalismo burguês. Esses seriam problemas contemporâneos a serem enfrentados dentro do âmbito da filosofia marxiana.

## 2 Ideologia, Linguagem e Sociedade

A obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, escrita na década de 1920 e publicada entre 1929-1930, não é assinada por Bakhtin, mas por Valentin Volóchinov. Isso cria uma dúvida sobre a autoria do texto em questão. Volóchinov fazia parte do Círculo de Bakhtin, um grupo montado por Bakhtin para estudos e discussões em geral. Alguns estudiosos defendem que a obra seria composta por Bakhtin, mas que ele não aceitou as modificações impostas pelo editor e, assim a incumbência da publicação ficou por conta de Volóchinov. Outros defendem que Volóchinov seria o verdadeiro autor e que a influência de Bakhtin na escrita seria por conta da sua participação no Círculo. No Brasil, temos duas traduções feitas sobre a obra: a primeira tradução, feita em 1979 pela editora Hucitec, atribui o texto a Bakhtin; a segunda tradução, feita em 2017 pela editora 34, atribui o texto a Volóchinov. Segundo Pistori (2018, p. 195):

Várias questões nos chamam a atenção na referência. Em primeiro lugar, a autoria da obra. Se, na conhecida versão brasileira do francês para o português, cuja primeira edição é de 1979, constava a autoria de Mikhail Bakhtin (V. N. Volochínov), agora temos VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). As tradutoras nos esclarecem: nos originais russos que foram a fonte da tradução (primeira edição de 1929 e segunda de 1930), a autoria é de Valentin Nikoláievitch Volóchinov. Nos parênteses, o Círculo de Bakhtin sinaliza ao leitor o âmbito em que foi produzida a obra, o que ainda nos remete aos variados debates acerca da autoria,

sobretudo no Ocidente, desde que os trabalhos bakhtinianos começaram a ser conhecidos na Europa e Américas.

Em nosso trabalho, utilizamos a tradução de 1979 e citaremos a obra como pertencendo a Bakhtin. Não entraremos, portanto, no mérito de quem é o autor do texto, mas apenas utilizamos esse espaço introdutório para fins de esclarecimento, deixando para outros a discussão sobre a sua verdadeira autoria.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, tem-se por objetivo estabelecer novos paradigmas para a filosofia da linguagem a partir de um método marxista de estudo dos problemas da língua. O livro se divide em três partes, sendo a primeira parte para demonstrar a importância da filosofia da linguagem para o marxismo, a segunda parte para o estabelecimento de uma filosofia da linguagem marxista e a terceira parte para tratar das formas de enunciação. Nessa seção de nosso artigo, pretendemos elencar os principais tópicos da discussão de Bakhtin para a formulação de uma filosofia da linguagem marxista.

O cerne principal do estudo de Bakhtin é a relação entre linguagem e ideologia. Para Bakhtin, toda ideologia é um ato material e social, o que significa dizer que não há construção de ideias que não tenha uma relação social e uma base material. Mas isso não significa que Bakhtin não aborde outras áreas das humanidades como a psicologia cognitiva, a etnologia, a pedagogia das línguas, a comunicação, a estilística e a crítica literária.

No intuito de provar sua hipótese, Bakhtin irá opor-se a duas correntes linguísticas em voga na época da escrita do livro: o subjetivismo idealista e o objetivismo

abstrato<sup>1</sup>. O primeiro grupo interessa-se pelo ato de fala como fundamento da língua. Dotado de um psiquismo individualista, a corrente subjetivista só irá levar em consideração o ato de fala, tomando-o como puramente individual e tentando explicá-lo somente pelas condições psíquicas do sujeito falante. De acordo com Bakhtin, “o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social”. (BAKHTIN, 2006, p. 111)

Já para a corrente do objetivismo abstrato, que tem Saussure como seu criador, a língua, como produto acabado, transmite-se de geração a geração. Dessa maneira, pouco seria a possibilidade para se tomar a língua como criadora de novos termos, já que a língua se encontraria imutável nos falantes. Contra o objetivismo abstrato, Bakhtin dirá que “os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar” (2006, p. 109). O que ele quer dizer é que a língua é fruto da construção social e se desenvolve no que ele chama de corrente de comunicação verbal, que seria o próprio vínculo entre os falantes de uma mesma língua no seu aprimoramento e crescimento. É no uso dessa corrente comunicativa que os indivíduos despertam e começam a agir no mundo. A língua é móvel, seu desempenho se dá no âmbito social. É nesse ponto que Bakhtin quer inovar em relação às duas outras correntes e

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar que os nomes “subjetivismo idealista” e “objetivismo abstrato” são cunhados pelo próprio Bakhtin.

utilizar o seu estudo marxista para isso: para ele todo signo linguístico é ideológico.

O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a luta de classes. [...] Consequentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. (BAKHTIN, 2006, p. 45)

A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe no intuito de ocultar as diferenças sociais e de valores existentes nas classes sociais. Em uma sociedade, grupos de indivíduos diferentes podem estar utilizando a mesma língua materna, no entanto, estão sob a ação de signos ideológicos diversos. A classe dominante tenta impor a sua ideologia à classe dominada, fazendo com que esta siga os seus valores determinados sem perceber. “Bakhtin define a língua como expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material” (YAGUELLO, 2006, p. 18). A linguagem é o próprio campo da luta de classes.

Para que algo possa a vir a ser chamado de signo, é preciso que antes esse signo apresente um conteúdo ideológico, adquira uma base concreta no mundo e que seja mutável perante as possibilidades históricas existentes. A palavra está sempre carregada de conteúdo ideológico. Quando se realiza o ato de fala ou, mais propriamente, a enunciação de algo, seja factual ou



apenas a demonstração de uma necessidade qualquer, é certo que tal enunciação já está socialmente dirigida. Por exemplo, um indivíduo, ao enunciar a fome que sente, tal enunciação irá depender do conteúdo ideológico no qual está inserida. De maneira que um homem considerado como um mendigo em uma dada sociedade dominada pela ideologia burguesa será levado a calar sua fome e conformar-se com tal estado em que se encontra. Isso poderia acontecer de maneira diferente em uma sociedade com um outro tipo de ideologia reinante. Tomando isso como pressuposto, Bakhtin irá dizer-nos que “a filosofia marxista da linguagem deve justamente colocar como base de sua doutrina a enunciação como realidade da linguagem e como estrutura sócio-ideológica” (2006, p. 129). Nesses termos, ele irá tomar o sentido de enunciação concreta justamente para se contrapor às duas outras correntes da linguagem e deixar claro a base material e ideológica do ato de fala.

Muito se fala da comunicação, muito se diz da sua expansão, quando na verdade ela não ocorre. Apesar de todos os meios difusores de sinais, como jornais, revistas, publicidade, fax, celular, internet, entre outros, nenhum deles, de fato, efetiva o ato da comunicação. Esse excesso acaba por tornar a mensagem redundante e dessa forma nada diferente passa ao seu receptor. Há uma ideologia de consumo, que torna o comunicar um imperativo, uma ordem, sem nenhuma capacidade de questionamento, numa verdadeira massificação de opiniões. Perante tantas e tantas possibilidades para o falar, nada dizemos. No prefácio de seu livro *Understanding Media*, McLuhan nos alerta para a projeção da consciência através da expansão do meio tecnológico, mantendo, no entanto, a questão aberta se as consequências disso são boas ou más. Meio

século depois de sua primeira publicação, cabe a nós analisar parte destes efeitos. “Os meios têm o poder de impor seus pressupostos e sua própria adoção aos incautos” (MACLUHAN, 1974, p. 30). Numa sociedade de massa que utiliza os mesmos meios, passam pelos mesmos lugares, compram as mesmas coisas e vibram as mesmas festividades, pouco se comunica. As pessoas pronunciam-se apenas pela repetição, sempre as mesmas falas, tornam-se mudas, cegas e surdas, fechadas num mundinho só, incomunicáveis.

Atento aos meios de comunicação como meros difusores de sinais, Bakhtin irá diferenciar signo e sinal, como podemos ver:

O processo de descodificação (compreensão) não deve, em nenhum caso, ser confundido com o processo de identificação. Trata-se de dois processos profundamente distintos. O signo é descodificado; só o sinal é identificado. O sinal é uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este ou aquele acontecimento (igualmente preciso e imutável). O sinal não pertence ao domínio da ideologia; ele faz parte do mundo dos objetos técnicos, dos instrumentos de produção no sentido amplo do termo. (BAKHTIN, 2006, p. 94-95)

Todo sinal é apenas identificado. Ele não tem qualquer aparato ideológico e, dentro de uma estrutura linguística, ele é imóvel. Por isso, pode ser facilmente assimilado e utilizado em diversos serviços de informação,

informática e comunicação. A língua só pode ser definida em seu contexto social-ideológico, que permite compreender a sua mobilidade, contrário aos defensores do imobilismo linguístico.

A base material determina a estratificação da sociedade, sua estrutura sócio-política, e distribui hierarquicamente os indivíduos que nela se encontram em relação de interação. Tais são os fatores que geram o lugar, o momento, as condições, as formas, os meios da comunicação verbal. (BAKHTIN, 2006, p. 193-194)

A enunciação concreta, formulada por Bakhtin é justamente aquela que vai caracterizar esse conteúdo material próprio da linguagem e, mais propriamente, do ato de fala. A evolução da língua é um elemento da evolução da comunicação social, inseparável dessa comunicação e de suas bases materiais (BAKHTIN, 2006, p. 193) e, nisso consiste a enunciação concreta. O método estabelecido por Bakhtin leva em consideração o fator ideológico do signo que no seu momento de enunciação transporta o seu valor ideológico-social para a fala.

### **3 Hegemonia, Democracia e Socialismo**

Após entendermos a importância da linguagem para o desenvolvimento do marxismo, passemos à análise da ideologia junto ao poder na configuração de uma hegemonia política. Para isso, iremos nos utilizar da obra *Hegemonia e Estratégia Socialista* de Laclau e Mouffe. A leitura da obra exige uma caminhada pelas diversas vertentes com as quais eles dialogam. Além de uma crítica

da metafísica essencialista e o uso de uma filosofia da linguagem pós-estruturalista, Laclau e Mouffe dialogam com diversos outros nomes fortes do marxismo como Lenin, Kautsky, Rosa Luxemburgo, Bernstein, Trotsky e Gramsci, além de apresentarem um profundo conhecimento da obra de Marx.

Na obra, os autores partem de uma crise do marxismo instaurada na segunda internacional<sup>2</sup> e trabalham as possíveis respostas para se retornar um marxismo contemporâneo. Essa retomada será dada a partir do conceito de hegemonia que deve ser reformulado para que se possa relacionar devidamente a democracia junto ao socialismo, conforme podemos ver pelas palavras dos autores:

Segundo assinalamos, o campo da recomposição hegemônica é, potencialmente, um campo de aprofundamento e expansão da prática política socialista. Sem hegemonia, a prática socialista somente pode concentrar-se nas reivindicações e interesses da classe trabalhadora; pelo contrário, na medida em que o desajuste de etapas obriga a classe trabalhadora a atuar em um terreno de massas, ela deve abandonar seu gueto classista e transforma-se no articulador de uma multiplicidade de antagonismos e reivindicações que a detona. Mas está claro, por tudo o que temos dito, que o aprofundamento de uma prática democrática de massas, que eluda a manipulação vanguardista e rompa com o caráter externo

---

<sup>2</sup> A Segunda Internacional (1889-1916) ou Internacional Socialista ou ainda Internacional Operária foi uma organização dos partidos socialistas e operários criada principalmente por iniciativa de Friedrich Engels, por ocasião do Congresso Internacional de Paris, em 14 de julho de 1889.

da relação entre hegemonia classista e tarefas democráticas, somente podem se verificar na medida em que se rachasse o caráter classista necessário destas últimas e se renuncie radicalmente ao etapismo. Nessa medida, ao romper com a fixação das tarefas democráticas a uma etapa burguesa, se elimina o obstáculo de uma relação permanente entre democracia e socialismo. (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 100)

Pela citação, podemos verificar que a hegemonia é um ponto chave em Laclau e Mouffe para que haja correspondência direta entre democracia e socialismo. A noção de hegemonia surge na social-democracia russa para descrever as limitações da burguesia, pois esta não conseguiria desenvolver suas próprias tarefas e precisa que o operário assuma tarefas que não lhe são próprias. Isso cria uma total desestabilização de funções e submete o operário a um deslocamento. Por isso, a social-democracia irá desenvolver o método em etapas, em que o socialismo só poderia advir depois de uma etapa democrática burguesa. Isso tem como consequência a postergação do socialismo eternamente e a sua desvinculação direta da democracia.

Já Gramsci acreditava que a classe operária não pode chegar a uma consciência crítica de maneira espontânea e não pode se tornar independente “por si” sem a capacidade de se organizar. A organização da classe operária deve partir “de fora” e remete diretamente à questão política dos intelectuais, na medida em que, para Gramsci, não existe organização sem intelectuais.

Segundo os autores [Laclau e Mouffe], a concepção gramsciana de liderança

intelectual e moral permite pensar que certas posições de sujeito cortam transversalmente vários setores de classe. Ademais, os conceitos de Gramsci representam um deslocamento em relação ao pensamento leninista que permite dar visibilidade e teorizar a especificidade relacional do vínculo hegemônico, até então escamoteada. A conceituação de uma série de novas relações sociais é possibilitada pela introdução da concepção gramsciana de ideologia, que assinala o terreno preciso de sua constituição. (ALVES, 2010, p. 85)

O processo de composição de uma hegemonia em Gramsci será o ponto de apoio dos autores para a construção de um conceito próprio de hegemonia. Para isso, também é importante ressaltar o conceito de ideologia utilizado por Gramsci que tem, no todo orgânico, a sua reinvenção para solidificar o processo socialista na classe trabalhadora.

A ideologia não se identifica para Gramsci como um 'sistema de ideias' ou como uma falsa consciência dos atores sociais, mas como um todo orgânico e relacional, encarnado em aparatos e instituições, que solda em torno de certos princípios articulatórios básicos a unidade de um bloco histórico. (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 117)

É na formulação de uma ideologia que tem como intuito a construção de um todo orgânico e relacional que os autores vão basear-se para combater a fragmentação existente na classe trabalhadora. Essa fragmentação se dá por um processo de desarticulação entre os membros de

classe que não conseguem situar-se como uma classe. Ainda há o fator do marxismo clássico considerar que o trabalhador (proletário) deseja o socialismo e isso levaria eminentemente a sua criação no processo histórico. Isso é uma falácia demonstrada por Laclau e Mouffe, o que os leva a repensar o modo de se constituir uma base hegemônica para a implementação do socialismo.

Os argumentos de Hegemonia e Estratégia Socialista giram em torno da leitura que Laclau e Mouffe fazem de Gramsci, e nesse ponto, como dizem eles, “tudo depende de como se concebe a ideologia. Sua exposição da teoria da ideologia e da hegemonia de Gramsci enfatiza – de início pelo menos – sua ruptura com a concepção crítica da ideologia, em favor de uma perspectiva positiva (que eles chamam de ‘material’), e sua rejeição do modelo determinista da ideologia pautada na base/superestrutura. Os autores também insistem em que, para Gramsci, ‘os elementos ideológicos articulados por uma classe hegemônica não têm pertinência necessária a uma classe’. (BARRETT, 1996, p. 246)

Hegemonizar significa construir uma relação estruturalmente nova que permita levar o socialismo à classe operária. Isso perpassa por uma relação discursiva entre classes e uma disputa pelo discurso. “Construir o conceito de hegemonia não supõe, pois, um mero esforço especulativo no interior de um contexto coerente, senão um movimento estratégico mais completo, que requer negociar entre superfícies discursivas mutuamente contraditórias” (LACLAU; MOUFFE, 1987, p. 156). A esfera do discurso (e da linguagem) já demonstra a divergência

existente entre classes sociais distintas, sendo que toda a estrutura de poder já começa na relação discursiva entre os homens. Todo discurso quer afirmar-se como uma verdade e essa verdade é uma demonstração de poder, conforme podemos ver pelas palavras de Foucault: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos nos apoderar” (1996, p. 10). Dessa forma, é no âmbito do discurso que podemos verificar a primeira disputa entre as classes sociais e é pelo discurso que se procura adquirir o poder. Ao se colocar como estrutura primeira, o discurso se apodera dos indivíduos envolvidos na sociedade. É, por isso, que todo discurso, como fruto da linguagem, é ideológico e, sendo ideológico, tem fundamento social.

#### **4 Conclusão**

O que fizemos com esse trabalho foi analisar a estrutura da linguagem dentro do âmbito da filosofia marxiana, estudando os seus processos linguísticos e discursivos na construção de uma hegemonia política. Para tal, pudemos verificar o papel da ideologia como fundamento de um signo linguístico, tendo esse uma gênese social e uma base material. É nesse sentido que Bakhtin irá formular o seu conceito de enunciação concreta, entendendo que o ato de fala se constrói no processo comunicacional histórico. Da mesma maneira, Laclau e Mouffe irão desenvolver um conceito crítico de ideologia ao tomá-la como sendo dotada de um conteúdo material. Isso aproxima os seus estudos sobre o marxismo dos estudos sobre a filosofia da linguagem de Bakhtin e sua relação com a filosofia marxiana.



Bakhtin, em seu estudo, demonstra que está na própria característica do signo linguístico, por ser dotado de um conteúdo ideológico, a da luta de classes. Isso faz com que haja uma disputa pelo lugar do discurso, já que todo discurso quer afirmar-se como uma verdade, que nada mais é do que uma demonstração de poder sobre os falantes. Ao ser proferido, o discurso já demonstra a que veio, sendo ele mesmo uma esfera de dominação pela qual a classe dominante tenta subjugar a classe dominada. Quem controla o discurso é capaz de construir a hegemonia. Portanto, o discurso é o primeiro lugar em que se dá a luta de classes. A disputa ideológica é um local imperceptível para muitos e, por isso, é o primeiro lugar em que a classe dominante se utiliza para se apoderar da classe dominada e manipular a sua maneira de agir e de pensar. Ao perceber isso, Laclau e Mouffe demonstram que, para a construção de uma hegemonia política, é preciso antes a construção de uma hegemonia discursiva que aproxime a classe operária, até então fragmentada, e leve-a a unir-se para a formulação de uma democracia socialista<sup>3</sup>.

## Referências

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia:** de Gramsci a Laclau e Mouffe. Lua Nova, v.80, p. 71-96, 2010.

BAKHTIN, Mikhail (Volóchinov). **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2006.

BARRETT, Michèle. Ideologia, política e hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *In:* ŽIŽEK, Slavoj. (org.). **Um mapa da ideologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p.

---

<sup>3</sup> Agradeço ao *Círculo Marciano* (Fábio Leão, Gabriel Chati, Super Mário, Marcelo Torres e Marcelo Guimarães) pela leitura e discussão do manuscrito.

235-264.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegeminia y estrategia socialista**. Madrid, 1987.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1974.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOLON, Newton Duarte; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. **Bakhtiniana**, v. 7, n.2, p. 142-165, 2012.

PISTORI, Maria Helena Cruz. VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** (Resenha). **Bakhtiniana**, v. 13, n. 2, p. 194-202, 2018.

RESWEBER, Jean-Paul. **A Filosofia da Linguagem**. Trad. de Yvone Toledo e J. P. Paes. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1982.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

YAGUELLO, Mariana. Introdução. *In*: BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 12-20.

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

Doutor em Filosofia. Professor de Filosofia, Ética e Política do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), *Campus* Uberaba, Uberaba – MG.

E-mail: Imbrmenezes@yahoo.com.br

*Submetido: 30/01/2019*

*Aprovado: 31/03/2019*